

REVISTA

— DE —

ENSINO AO SURDO

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE SURDOS

ANO I

Distrito Federal, 1954

N.º 3



NESTE NÚMERO:

- ☆ *ATRAVÉS DOS PRINCÍPIOS DE LINGUAGEM HUMANA.*
- ☆ *O PROFESSOR ESPECIALIZADO E O PLANO DE RECLASSIFICAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL.*
- ☆ *A CIÊNCIA COMBATE A SURDEZ.*

PREÇO:
Cr\$ 10,00

E OUTROS TRABALHOS DE INTERESSE PARA AS PESSOAS QUE CONVIVEM COM SURDOS OU ENSURDECIDOS

**REVISTA
DE
ENSINO AO SURDO**



REVISTA TRIMENSAL DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PROFESSORES DE SURDOS



DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Prof. Regina Rondon Krivochein

REDATOR:

Prof. Jorge Mário Barreto



ENDEREÇO:

Rua Cardoso Junior, 280

Laranjeiras - D. Federal

Telefone 45-8674



A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

DESEJAMOS ESTABELECEER PERMUTA
DESEAMOS ESTABLECEER EL CAMBIO
WE WISH TO ESTABLISH EXCHANGE
DESIDERIAMO STABILIRE CAMBIO
ON DÉSIRE ÉTABLIR ÉCHANGE
AUSTAUSCH ERWUNSCHT



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE
PROFESSORES DE SURDOS**

(Fundada em 21-8-1952)

PRESIDENTE:

PROF. JOÃO BRASIL SILVADO

SECRETÁRIA:

PROF. LÉA BORGES CARNEIRO

SECRETÁRIA-SUPLENTE — PROF. NANCY TEIXEIRA DE GODOY

TESOUREIRO — PROF. ANTÔNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

DIRETORA DE BIBLIOTECA
E PUBLICAÇÕES

PROF. REGINA RONDON KRIVOCHÉIN

DIRETOR DE CURSOS
E CONFERÊNCIAS

PROF. FELIPPE CARNEIRO

DIRETOR DOS INTERESSES
DO MAGISTÉRIO

PROF. MARIJESO DE ALENCAR BENEVIDES

Através dos princípios de linguagem humana

JOÃO BRASIL SILVANO JR.

NESTE ano de 1954, quando se festeja a memória do Visconde de Almeida Garret, tem-nos vindo constantemente aos sentimentos o muito conhecido laço poético com que este notável literato e clássico da língua portuguesa inicia o poema "CAMÕES": —

— "Saudade, gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho".

A data em que se publicou o decreto de nossa aposentadoria fixou o fim de 48 anos, 3 meses e 3 dias de magistério no Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Recordamos, emocionados, o percorrer da nossa trilha, ao serviço de nossos alunos, em companhia dos surdos, nossos antigos companheiros de adolescência e juventude de quem recebemos tanto afeto, e amor, e dedicação.

Antes de transpormos o sombrio portão da aposentadoria, ainda tivemos oportunidade de colaborar no planejamento e organização do Curso de Formação de Professores de Surdos e, no dia em que se concluiu o projeto dessa organização, apertando efusivamente as mãos de todos os membros da Comissão planejadora, passamos por momentos muito felizes de nossa vida. Com profundo pesar nosso, foi-nos impossível participar do corpo docente do Curso criado. Estávamos ainda aquecidos dos trabalhos em andamento na nossa

sala de aulas, dentro da qual nos formamos e dentro dela é que poderíamos sempre melhor atuar, de vêz que, da vida prática é que somos filho e, no decorrer da prática é que fomos adquirindo e formando a teoria profissional.

Agora, porém, corre, ou voa, veloz o tempo e nós, já entrados em anos, não nos animamos a escrever de métodos ou processos de ensino, matérias essas muito mutáveis e que, para lá ficaram por trás do portão da saída que se afasta e separa rapidamente e se ofusca à vista e à cuja testada se vai delinquendo o letreiro das coisas antiquadas. Vamos aventurar-nos por um terreno em que as plantas dos estudos têm evolução mais lenta. Sejamos excursionistas através dos domínios dos princípios de Linguagem Humana.

Já, por diversas vêzes, temos citado o parecer do Sr. Tholou, antigo inspetor de estudos do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris ao afirmar que "o professor de surdos é sempre um professor de Linguagem".

É a linguagem verbal, humana, a matéria básica, fundamental, na escola de surdos natos e, porisso, nada há-de extranhar que os professores de surdos a tornem em assunto primordial de suas cogitações. E não é um assunto fácil, pois exige forte poder de abstração. Com ela se têm o c u p a d o, desde remotos

tempos, os espíritos os mais robustos da humanidade, os intellectos melhor dotados nas lucubrações do raciocínio elevado, na lógica e na filosofia.

Dentre êles, apontamos, no limiar dêste nosso ousado estudo, o eminente filósofo que foi Gottfried Wilhelm Leibniz cuja vida se decorreu de 1646 a 1716.

Procuramos explicar suas idéias no que de perto importaria aos professôres de surdos, ora resumindo-as, ora, traduzindo-as, por que a Revista de Ensino aos Surdos poderá alcançar regiões do vasto Brasil onde difícil será o acesso às obras dêste autor.

Nas obras filosóficas de Leibniz, publicadas na Biblioteca Meiner, em 1915, há no terceiro volume, um capítulo intitulado: "Das palavras" e dêle extraímos as seguintes notas:

"É sabido que a Linguagem é o espelho da razão e que os povos quando se elevam nos domínios da razão é também quando cultivam bem a sua Linguagem, como dão disso exemplo os gregos, os romanos e os árabes".

"Mas, no uso da Linguagem, há-de também considerar-se particularmente que as palavras são símbolos (sinais) não só do pensamento, como ainda das coisas e que, temos necessidade de símbolos quer para indicar aos outros as nossas opiniões, quer para nos ajudarmos em nossos próprios pensamentos, pois, assim como, nas grandes cidades comerciais, ou no jôgo, ou em outras ocasiões, nem sempre se pagava com dinheiro mas, em seu lugar, se usavam vales

e fichas até atingir ao pagamento final, assim também opera a razão, com a imagem das coisas, mórmente quanto tem muito em que pensar, utilizando-se, então, de imagens para não ser forçado a pensar repetidamente na própria coisa tôda vêz que esta venha à baila. Daí que, depois de bem conhecidas as coisas, se contenta a razão em pôr, em lugar, de cada coisa, a palavra que a substitui e isso, tanto no discurso para o exterior como no discorrer íntimo".

"Assim como o calculista que não quisesse escrever nenhum número sem pensar simultaneamente no seu conteúdo significativo, desde a contagem sôbre os dedos, não chegaria ao fim do cálculo, do mesmo modo, a pessoa que, ao discorrer, ou mesmo, ao pensar interiormente, não quisesse falar nenhuma palavra sem dela se formar, a si, uma figura do próprio significado da palavra, tal pessoa falaria sobremodo vagosamente, se não se calasse, empegaria o desdobrar do pensamento e não iria muito longe, nem no discurso nem no raciocínio".

"Daí vem que necessitamos a miúde das palavras como cifras ou fichas, de que nos servimos em lugar das imagens e coisas até que, de grau em grau, alcançando o final ou a conclusão, atingimos a própria coisa. Donde se vê que as palavras, bem apreendidas, como sendo, para a razão, figuras representativas, ou símbolos, se tornam diversificáveis, suficientes, comuns, fluentes e agradáveis".

Este esclarecimento de Leibniz é de muita importância para o professor que tem de criar, no

espírito do surdo nato, todo o tecido da Linguagem verbal. Ignorando-o, o professor arrisca-se a cruéis ilusões. Não é, porém, sem perigo, o princípio dessa definição adotada por Leibniz. O surdo nato resvala inadvertidamente para o jôgo artificial de símbolos, desligado da realidade, desconexo com o terreno objetivo de onde brotou a Linguagem, do solo em que se deve ela sempre fixar, enraizando-se e nutrindo-se.

Convem-nos demorar nessas cogitações. É um assunto atual, novamente estudado por autores como Cassirer.

Para precisar os termos a se empregarem adiante, muito vantajoso será necessário que transplantemos para aqui um trecho de John Stuart Mill. Ainda que muito conhecida, a explanação de Stuart Mill é concreto e de fácil compreensão. Não está definindo o símbolo, mas está se abeirando de um conceito que, uma vez apercebido, comparado e distinguido, fixará o sentido dêsse termo, evitando ambigüidade.

Estamos nos referindo ao Livro 1.º, capítulo 2.º, parágrafo 5.º do Sistema de Lógica de John Stuart Mill. Neste lugar, diz o Autor: "Se, como o ladrão das Mil e Uma Noites, com o giz, fizermos, numa casa, um sinal que nos habilite a reconhecê-la, êste sinal tem um fim, mas não tem propriamente um significado. O giz nada declara acêrca da casa. Não nos diz: "Esta é a casa de tal pessoa" ou "Nesta casa há coisa a saquear". O fim da marca de giz, é, apenas, a distinção. Digo

comigo mesmo: — Tôdas essas casas se parecem tanto umas com as outras que, se eu as perder de vista, serei incapaz de distinguir, das outras, aquela para a qual agora estou olhando. Devo, pois, achar um meio de tornar a aparência desta casa diferente da aparência das outras e a reconhecerei quando eu vir esta marca que não fará conhecer nenhum atributo da casa, mas que indicará simplesmente que esta é a mesma casa. Mas Mogiana traçou com um giz sinais iguais àquele em tôdas as casas e, assim, frustou-se o plano. Como? Únicamente, por se obliterar a diferença de aparências entre as outras casas e aquela. O giz lá permanecia, mas não mais servia ao propósito de distinção. Quando impomos um nome próprio, operamos de modo algum tanto análogo ao do intencionado pelo ladrão ao rabiscar a casa. Em verdade, pomos um sinal, não no próprio objeto mas, a bem dizer, na idéia do objeto. Um nome próprio nada mais é que um sinal sem significado, sinal que ligamos, em nosso espírito, com a idéia do objeto a fim de que, tôda vez que o sinal toque os nossos olhos, ou ocorra ao nosso pensamento sejamos levados a pensar naquêle objeto individual. Não estando pegado ao próprio objeto, o nome próprio não nos habilita, como o giz, a distinguir o objeto quando o vemos, mas nos torna capazes de distingüi-lo quando dela se fala quer no arquivo da nossa experiência, quer no discurso das outras pessoas. Torna-nos capazes de saber que o que é asseverado numa pro-

posição da qual o nome próprio é o sujeito, é asseverado da coisa individual com que, previamente traváramos conhecimento. Quando pomos no predicado um nome próprio, referente a qualquer coisa, quando, apontando para um homem, dizemos: este é o Sr. Brown ou o Sr. Smith ou, apontando para uma cidade, dizemos: Aquela é York, não transmitimos nenhuma informação concernente nem a Brown, nem a York. Apenas dizemos que os seus nomes são êsses. Habilitamos a pessoa que nos ouve a identificar os indivíduos e essa pessoa poderá ligar aos nomes ouvidos a informação que ela previamente possui. Dizendo-lhe: esta é York, podemos com isso dizer-lhe que ali está situada a Casa da Moeda. Mas isso acontece em virtude de que a pessoa tinha ouvido a respeito de York, e não por qualquer coisa implícita ao nome”.

Aqui terminam e ficam realçadas as orações que nos importam no trecho de Mill.

Focalizemos nossa atenção

nas explicações de Mill no ponto em que nos diz que o nome próprio se apega propriamente “à idéia do objeto”, porisso que, assim dizendo, Mill nos abre uma fresta pela qual nos intrometemos no mundo das criaturas verbais indicado por Guilherme Humboldt. Re-lendo agora êsse autor, encontramos a nota que, há anos, lhe apuséramos, de confuso. Embora, de estilo confuso, as idéias de Humboldt são profundas e firmes como esclarecedoras do que é a Linguagem verbal, humana. Depois da última guerra mundial formaram a principal matéria de um curso de preleções numa universidade alemã e, dêsse modo, bem comentadas e elucidadas, ficou patente o seu alto valor para os professores de surdos natos. As idéias de Guilherme (não Alexandre) Humboldt esboçam a teoria dos vários níveis, ou categorias de Linguagem.

Mas não antecipemos. Esperamos continuar o assunto em próximo número da Revista de Ensino aos Surdos.

Renato Gonçalves de Andrade

Cirurgião-Dentista



Av. Rio Branco, 143-1.º

Telefone 52-5447

Os Mestres Clássicos do Ensino dos Surdos-Mudos

Pelo DR. HANS WERNER

TEM-SE descrito muitas vezes casos isolados de surdos-mudos que, duma ou doutra maneira, eram capazes de se fazerem entender. Quanto a uma instrução metódica coroada pelo sucesso, é nos referida pela primeira vez por altura de 1550, quando o monge Pedro Ponce de León (ca. 1510 a 1584) educou dois fidalgos espanhóis surdos de nascença, pertencentes à família de Velasco que tinha confiado os dois rapazes ao convento de San Salvador de Oña.

Eis, nalgumas palavras, como um contemporaneo descreve o processo:

“Quero transcrever aqui as linhas que conservo do punho de Dom Pedro (a criança surda-muda): Alguém interrogava na sua presença frei Pedro Ponce para saber como êle fizera para lhe ensinar a falar. Frei Pedro Ponce comunicou a Don Pedro (evidentemente por meio da escrita) o que lhe tinham pedido e, êste último respondeu, primeiro oralmente, e depois por escrito o que segue: “Pois bem, quando eu era ainda muito pequeno e tão ignorante como uma pedra, comeci a aprender a escrever primeiramente os nomes dos objetos que o meu mestre me designava. Em seguida, escrevi num livro tôdas as palavras castelhanas. Depois, com o auxilio de Deus, comeci a soletrar e a pronunciar, se bem que uma quantidade infinita de saliva me corresse da boca. A seguir, comeci a ler histórias de tal modo que em dez anos, li a história do mundo inteiro. Mais tarde, ainda aprendi o latim.” (Ambrosio de Morales [1514-1590], *Las Antigüedades de las ciudades de España*, Madrid, 1575, fol. 38).

Com a morte de Ponce o seu método desapareceu, porque êle não o tinha deixado escrito, e não havia também iniciado nele qualquer aluno.

Só uma geração depois, em 1620, apareceu a primeira obra consagrada à educação dos surdos-mudos. Deve-se à pena de Juan Pablo Bonet (1579-1633) que descreve os métodos de ensino de Manuel Ramirez de Carrión (1579-ca.-1652) e os sucessos que êle obteve:

Ramirez tinha-se ocupado seriamente de assuntos gramaticais e tinha simplificado o ensino dos elementos para as crianças dotadas de todos os sentidos, reduzindo as letras do alfabeto ao seu valor fonético; foi assim o fundador do método fonético.

Após alguns anos de serviço como mestre-escola, entrou para o serviço do seu senhor, o marquês de Priego o qual tinha um filho surdo-mudo. Foi o seu primeiro aluno dêste gênero. Quando na família do condestável de Castela, de Velasco, que era aparentado com os Priegos, houve um filho também surdo-mudo recorreu a Ramirez para instruí-lo. Tão bem êle conseguiu educar o jovem Don Luis de Velasco que êste último tinha o hábito de dizer: “Não sou mudo, sou apenas surdo”. Ramirez de Carrión conta esta anedota na sua obra “*Maravilhas de la naturaleza* (Montilla 1629, Prólogo). Muito recentemente, arrancou-se esta obra ao esquecimento pois que apresenta um certo interesse, tendo Ramirez deixado nela enumerados os seus alunos pelos nomes. À parte isto, não se encontra grande coisa nêsse livro que é uma espécie de manual

de algebeira, alfabético, para a educação dos surdos-mudos.

Segundo Bonet, a instrução dos surdos-mudos devia assentar primeiro na escrita (como fazia Poncet), com a diferença de que não se começava por escrever palavras inteiras, mas sim elementos do alfabeto. O aluno devia seguidamente traduzir as letras para o alfabeto digital e exercitar-se assiduamente nas relações existentes entre o alfabeto escrito e o alfabeto manual. Terminava-se pelo ensino da linguagem articulada.

Bonet assinala que a principal dificuldade consiste em explicar ao surdo a essência dum som que êle não pode ouvir. Eis porque êle começava primeiro por simples exercícios respiratórios pois ainda não conhecia as vibrações da laringe que Johann Conrad Ammann utilizaria para instruir surdos-mudos oitenta anos mais tarde.

"Quando se exala o ar, e os dentes e os lábios estão na posição requerida, produz-se naturalmente um som." (Bonet, loc. cit., livro II, cap. 3).

Vinha depois a diferenciação dos sons isolados. Esta é, segundo Bonet, o elemento principal mas também o mais difficil de toda a educação dos surdos-mudos. Nessa obra, as observações relativas à produção dos sons na bôca, são interessantes e inéditas; atingem uma exatidão que difficilmente pode ultrapassar-se sem o recurso de investigações experimentais e aparelhos apropriados.

Este tema foi retomado de modo fantasista por Franz Mercure van Helmont (1614 a 1699), filho do célebre Jean Baptista van Helmont (1577-1644), na sua obra "Alphabetum naturae", Sulzbach 1667. Este autor esforçou-se por demonstrar com o auxílio de desenhos que os caracteres hebraicos reproduziam

a posição da laringe e da língua para a formação dos diferentes sons.

Nessa época, discutia-se afincadamente para saber qual era a língua primitiva da humanidade. E van Helmont tentava intervir no debate para assegurar um lugar de honra ao hebreu. Esta tentativa de van Helmont — mesmo que seja um pouco absurda — constituiu todavia o gérmen donde saíram finalmente todas as escritas fonéticas modernas que se esforçam por imitar gráficamente as posições dos órgãos da fonação. Tal é o caso da célebre "língua visível" de Alexander Melville Bell (1819 1905) (Visible Speech: the Science of Universal Alphabets, or Self Interpreting Physiological Letters, for the Writing of All Languages in One Alphabet, Londres e New-York 1867) que, aperfeiçoada ainda por H. Gutzman (Sprachheilkunde, 1912, pág. 294) serviu mais tarde especialmente para a reeducação dos afásicos. Franz Kobrak (n. em 1879) procurou também, mas utilizando um sistema diferente, representar, pela escrita, a posição dos órgãos da fonação.

Por outro lado, van Helmont foi o primeiro que descreveu a **leitura labial** e o emprêgo do **espelho** processos que Johann Conrad Ammann retomaria e desenvolveria ulteriormente. Pelo processo do espelho, van Helmont chegou a desenhar os aspectos da boca quando se pronuncia um som e começou muito naturalmente pelas vogais. Esta tentativa parece ter sido a primeira, se quisermos pôr de parte uns esboços de Leonardo de Vinci (1452-1519) que, como precursor genial, também se havia ocupado de fonética criando, por exemplo, uma tabela de sons. Van Helmont não praticou o ensino dos surdos-mudos; só ensinou a um músico —

(Continua na pág. 10)

VULTOS

COLABORADORES NA RECUPERAÇÃO DA CRIANÇA SURDA

Esta secção está à disposição de professores, alunos ou outras pessoas que desejarem homenagear vultos que por sua obra tenham contribuído para a recuperação do surdo. Para isso, deverá ser enviada para esta Revista, devidamente datilografados em dois espaços e 70 linhas no máximo, os traços biográficos do homenageado, um retrato 3 x 4 e, se possível, algum trabalho ou trecho de autoria do mesmo.

* * *

CÂNDIDO JUCÁ



CÂNDIDO JUCA

NASCEU na Serra do Bom Jesus, Ceará, aos 11 de Março de 1865. Era filho de Antônio Bernardo da Silva Jucá, negociante, e D. Francisca Jovina de Castro Jucá.

Autodidata, estudava de madrugada, pois era caixeiro de Manuel Vaz de Sousa, seu parente, e negociante no Maranguape. Não tardou fazer-se professor. Assim o descobriu o virtuoso mestre Pe. Costa Mendes, que não pôde deixar de dar boas gargalhadas à pronúncia de francês que o garoto se fizera; mas admirou-lhe a perfeição das traduções, e versões, e de um modo geral espantou-se com os seus conhecimentos de aritmética, e de geografia. Era esse sacerdote diretor do famoso Ateneu Cearense, de Fortaleza, e irmão do célebre professor João de Araújo Costa Mendes, colaborador do Dr. Abílio César Borges, de atuação histórica no magistério brasileiro. Franqueou-lhe o Padre as aulas de seu estabelecimento, a trôco de um cargo de censor em classes atrasadas. Assim pôde, em 1883, concluir o curso de humanidades.

Como aluno de curso secundário, destacou-se no movimento abolicionista da Província. Se o Ceará libertou os seus escravos aos 25 de Março de 1884 — mais de quatro anos antes do 13 de Maio — depois de uma formidável convulsão social, cujos próceres fizeram o juramento sôbre um punhal “para matar e morrer, se preciso, em bem da abolição”, é mister não esquecer que o primeiro município a dar o exemplo foi o Acarape, a 1.º de Janeiro de 83; porisso ficou batizado de Redenção. Ora, o Ateneu

Cearense era um fervedouro de abolicionistas, sabido que o Pe. Costa Mendes marcava as suas festas escolares com a alforria sistemática de inúmeros escravos que comprava. Aí se fundou uma sociedade intitulada "A Libertadora". Cândido Jucá, por seus dotes oratórios, foi escolhido orador oficial da mesma, e neste caráter enviado ao Acarape. O seu longo discurso foi publicado no "Libertador", de Fortaleza, em três números, a partir do dia 12 de Janeiro.

No ano seguinte, transportou-se para o Rio, começando a freqüentar a Academia de Medicina. Dificuldades de todo gênero impediram que se formasse, mas a maior de tôdas era a sua aversão à clínica hospitalar, parecendo lhe sempre que se contagiava das moléstias a que assistia. Fêz-s jornalista, e logo a seguir professor, iniciando sua carreira com rumoroso concurso no Instituto Nacional de Surdos Mudos. Começou como professor de Português (língua escrita); mas, entranhando-se de amor dos discípulos, tomou a si a mais árdua empreitada que se pode imaginar. Enfronhou-se em livros alemães, e desvendou os segredos da linguagem articulada, segundo a fonologia alemã. Empreendeu ensinar a falar os surdos mudos, quando era de todo desconhecida a fonologia brasileira. Va'e-u-se em grandíssima parte da ciência alemã, que bebia diretamente na fonte, mas teve muita vez de abrir picada sozinho por terrenos ínvios da fonética portuguesa. De qualquer modo, o êxito foi absoluto. Celebra o Jornal do Comércio de 5 de Dezembro de 1898, em três longas colunas, a festa que se realizara na véspera no Instituto, em que se apresentaram, falando, diversos surdos mudos. Felizes meninos, em presença de numeroso público, e do ministro da Justiça Epitácio Pessoa, fizeram uma demonstração emocionante. O aluno Laurindo repetiu uma quadra de Casimiro de Abreu, a-qual leu nos lábios do professor Cândido Jucá. O educando Sílvio pronunciou uma saudação ao presidente da República, e a seguir leu pensamentos em alemão, inglês, italiano, e em latim. Exibiram se ainda mais quatro, que leram tópicos dos jornais do dia. O ministro, entusiasmado, criou logo a seguir a **primeira cadeira de linguagem articulada** do país, na qual Cândido Jucá foi investido como seu criador. Em 1915, depois de haver feito falantes algumas dezenas de menores mudos, devolveu-se à sua antiga cadeira de linguagem escrita, literalmente impossibilitado de prosseguir na faina exorbitante. Com mais cinco anos houve de jubilar-se, por doente. Tinha trinta-e-seis anos de magistério especializado, ou antes, de verdadeiro sacerdote.

Por seus merecimentos, e especialmente por sua atividade no Instituto Nacional de Surdos Mudos, onde obviava êsse defeito foi feito sócio honorário da Policlínica do Rio de Janeiro.

Notabilizou-se ainda como professor de Português, de Alemão — sua segunda língua —, e de Francês. Foi algum tempo catedrático interno de Alemão no Externato do Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional; professor de Alemão na Escola Preparatória de Profissões Liberais, criada pela Prefeitura do Rio em 1910; professor de Sintaxe Nacional Comparada no "Pedagogium" em 1911. Exerceu inúmeras comissões pedagógicas, e funcionou em bancas em diversos concursos para o magistério.

Deixou no Instituto Nacional de Surdos Mudos um discípulo e continuador na pessoa do sábio Professor Saul Borges Carneiro.

Como jornalista, foi redator da "Semana", do Rio. Colaborou em muitíssimos jornais e revistas técnicas, notadamente no Jornal do Comércio,

e no Correio da Manhã. Foi redator da revista dedicada à surdo-mudez "Éphphata". Trabalhos seus foram traduzidos e comentados pelo jornal alemão "Hamburger Nachrichten". Os assuntos de sua preferência foram: o Norte, com suas calamidades, e problemas; o sofrimento humano, em todos os seus aspectos, como sejam a tuberculose, a miséria, o desamparo da velhice, e da criança, a surdo-mudez; os problemas sociais, e econômicos, desde o trabalho até a guerra, desde a cultura até a produção. Comentou — e foi dos primeiros — em seis longos artigos filológicos, a polêmica Rui-Carneiro (A Luta dos Dois Mestres, de 4 de Abril a 13 de Maio de 1907), notando algumas sem-razões, ou incorreções de parte a parte.

Traduziu para o Alemão, por incumbência do Governo Brasileiro, o livro "Quatro Estados do Brasil" (Vier Staaten Brasiliens, Leuzinger, 1910), de colaboração com um inglês, que fez a versão para o seu idioma.

Morreu aos 25 de Maio de 1929, no Rio.

CÂNDIDO JUCA (filho)



Atualmente, grande número de pessoas notam o quanto a própria voz influi em causar nos demais, impressão agradável ou desagradável.

Esse número aumenta diàriamente, em parte, devido ao cinema, rádio ou televisão.

Pode-se melhorar o timbre e ritmo da voz, ouvindo-se atentamente vozes boas ou fazendo-se exercícios para êsse fim.

Se tivermos uma voz desagradável, nenhum de nossos amigos, nem mesmo o mais íntimo, se atreverá a dizê-lo, razão pela qual, cabe a cada um verificá-lo de modo conciso.

A maioria das pessoas supõe que para expressar uma idéia ou um sentimento nada mais é preciso que usar palavras adequadas e significativas.

Labora em êrro quem pensa assim.

A força expressiva da linguagem humana, reside principalmente na voz, isto é, no ritmo e no timbre da voz.



COLEGA ! MANDE A SUA COLABORAÇÃO COM ANTECEDÊNCIA !

(Continuação da pág. 6)

que provavelmente ensurdecera com a velhice —, a leitura labial.

Johann Conrad Ammann (1669-1724), médico suíço que vivia na Holanda, educou pessoalmente surdos-mudos dedicando a esses estudos dois tratados que ficaram clássicos. Ele conta como foi levado a interessar-se por esses problemas graças ao contacto pessoal com van Helmont. Servia-se dum espelho para distinguir os movimentos da boca e, além disso, mandava os alunos apalparem as vibrações da laringe. Edificou o seu método de ensino da linguagem sobre esse processo que se tornou extremamente importante na educação atual dos surdos-mudos. Persuadido da superioridade da linguagem articulada ele rejeitou, contrariamente aos espanhóis, o alfabeto digital. Ammann já tinha reconhecido que o segre-

do fundamental do ensino estava em conseguir primeiramente que o surdo-mudo fizesse a distinção entre o sopro sonoro e o sopro destituído de som. Ele tinha como muito importante a ligação imediata de cada som aprendido com a respectiva transcrição gráfica. Esta noção encontrou recentemente cabimento no chamado método de transcrição gráfica. Ammann representa uma exceção no sentido de que, sendo médico, ele soube conservar uma liberdade de espírito tal que pôde dedicar-se à educação puramente pedagógica dos surdos-mudos e renunciar a todo o processo médico, depois de ter em vão tentado melhorar a audição por processos terapêuticos.

Com o seu "Surdus loquens..." (Amsterdão 1700) e a sua "Dissertatio de loquela..." (Amsterdão 1700), Ammann Johann Conrad pertence aos grandes clássicos da literatura dos surdos-mudos.

ACTAS CIBAS

(Conclusão da pág. 12)

os sons puros do audiômetro, que reproduz sons de um certo timbre e volume.

Após o teste no Master Hearing Aid, é fornecido à criança um socorro auditivo (hearing-aid) anatômico, e esta ouve pela primeira vez o perfeito e complicado som (até se é mesmo muito criança para compreender) da voz humana.



GOLEGA! TOME A SUA ASSINATURA E CONSIGA DOIS ASSINANTES MAIS!

A CIÊNCIA COMBATE A SURDEZ

Trad. do Prof. RENATO J. G. DE ANDRADE

A aferição da audição de crianças muito pequenas tem sido há muito um problema. Agora um novo método através do choque e som indica a surdez a tempo.

O Departamento de Audiologia da Clínica de Olhos e Ouvidos de Nova York, sob a direção de James A. DePew, está agora usando também uma técnica para criança por meio do aferidor G. S. R. — Galvanic Skin Response (Resposta galvânica pelo tato).

Som e sensação do choque elétrico (estimulação)

Até o presente, mais de 500 crianças foram submetidas ao teste G. S. R.

Eis como funciona :

Na câmara acústica (sala de testes) a criança, geralmente acompanhada por sua mãe, tem um electródio prêso em cada mão. Fones são colocados no ouvido. Se a criança é muito pequena ela senta-se no colo da mãe enquanto esta segura os fones.

Um som é emitido através dos fones. Momentos depois um suave choque elétrico reflete na mão da criança. Este choque geralmente causa mais espanto do que mal estar. A frequência de sons e cargas é repetida diversas vezes.

Até a criança por menor que seja aprende a esperar o



NADA MÁU — A criança "sente" o som e o choque, mas a sua reação é mais de alegria do que de desprazer

choque, depois de ouvir o som. Ela não gosta do choque naturalmente, assim um som quando ouvido trará um pouco de fadiga prematura (suor prematuro).

O G. S. R. gradua o suor na pele e um gráfico marca a mudança da corrente cau-

sada pelo suor e indica se um determinado som foi ouvido. Desta maneira o grau de audição pode ser indicado.

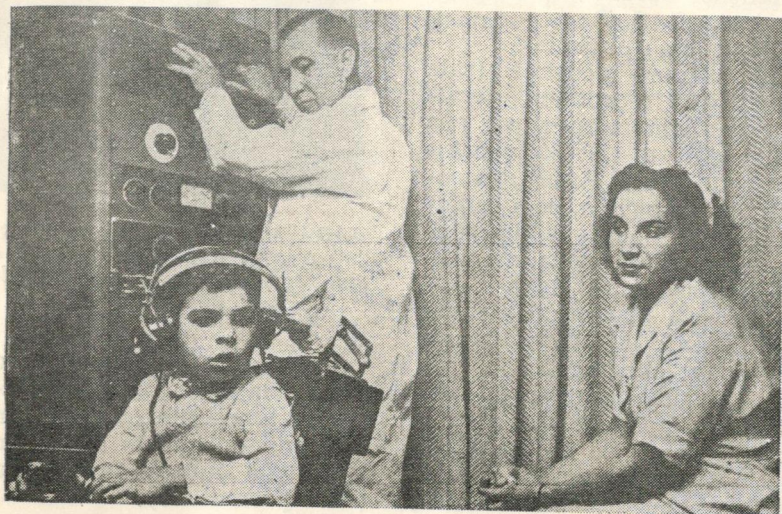
Primeiras vozes

As reações de algumas das crianças, a maioria delas com dois anos de idade ou mais, são mostradas em fotografias nestas páginas. Pelo tempo já estão preparadas para a segunda aplicação do G. S. R., sendo que alguns dées já têm experiência do teste, e até já começam a mostrar sinal de aborrecimento. Um menino já pela terceira vez em exame — estava muito mais in-

teressado pelas fotografias do que pelos choques

Se o G. R. S. demonstrar que as crianças ainda tem alguma audição é transferido a outro Departamento para testes com outro aparelho, o Master Hearing Aid, que é semelhante aos comuns, mas com mais sensibilidade, êste contudo, ainda está em fase experimental, e mostra qual o tipo de aparelho mais apropriado para a criança, aprontando esta também para a experiência mais importante de sua vida. Durante o teste G. S. R. ela ouve sòmente

(Continua na pág. 10)



Enquanto a mãe observa e o médico audiolologista controla o "Master Hearing Aid", uma criança de 4 anos aguarda o teste

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS

SUA HISTÓRIA E SUA NECESSIDADE ATUAL

Prof. JULIO CESAR VANNI

Quando, em meados do século XVI eram fundadas, na Europa, as primeiras instituições destinadas a educar surdos-mudos, grande, ainda, era o descrédito da sociedade para a humanitária tarefa de educação desses deficientes.

A opinião pública reinante na época, que pouco ou quase nada diferenciava da dos sábios da antiga Grécia, como Heródoto, Xenofontes, Plínio e Aristóteles, que viam no surdo-mudo apenas um imbecil, ia por vêzes, além, ao considerá-lo incapaz do mais elementar raciocínio e a julgá-lo vítima de castigos divinos.

Essas instituições, vieram pois, de encontro aos desígnios de alguns mestres, que como autodidatas professavam a doutrina da desmutização como verdadeiros apóstolos do surdo mudez.

Assim tivemos na Espanha, um Ponce de Leon, precursor do ensino emendativo e inventor do primeiro alfabeto manual; um Rodolfo Agrícola na Holanda; um Girolamo Cardano na Itália e muitos outros que se notabilizaram.

Resistindo ao tempo e às intempéries sociais, tiveram as primitivas instituições, as suas primeiras concorrentes, quando no século seguinte, maior reconhecimento social, tiveram as escolas que foram disseminadas pelos países europeus. Porém, foi no século XVIII que a educação dos surdos-mudos teve um animador impulso. Foi nesse século que surgiram as figuras revolucionárias do Abade de L'Epée, Sicard,

Heinicke Jacob Rodrigues Pereira e outros. E não faltaram, também, os surdos-mudos recuperados para serem admirados pelo mundo, como o foram Ferdinand Berthier e Massieu, discípulos de Sicard e que tiveram no século seguinte, grande atuação na recuperação dos seus iguais.

França e Alemanha lideravam, então, a educação dos surdos mudos. A primeira, dirigida pelo famoso Abade de L'Epée, celebrizou-se na mímica com o conhecido método mímico ou francês. A segunda, chefiada por Heinicke, após os primeiros sucessos de L'Epée, preferiu o método oral que teve grande aceitação e considerado, mesmo, mais eficaz, embora já tivesse sido tentado com insucesso em época anterior. Heinicke e L'Epée, foram grandes abnegados à causa que abraçaram, embora os métodos empregados tenham sido diferentes.

Mas, o verdadeiro advento do ensino especializado a surdos-mudos, veio com o despontar do século XIX, não somente pelo número de instituições já existentes, como também pelos maiores recursos técnicos e maior compreensão social.

O século XIX, foi o século de Berthier, surdo-mudo de nascença de quem a França se orgulhou em ser mãe. Foi o líder dos surdos-mudos do seu tempo.

O século XIX, foi, também, o século de Pendola, glória italiana e expoente máximo do ensino emendativo de sua época; de Fornari, que fundou em Milão, o primeiro Curso

de Formação de professores para surdos-mudos; de Ferreri, discípulo de Pendola, que viveu até meados do século atual deixando publicadas mais de 60 obras sobre o problema da educação dos surdos-mudos, sendo considerado, portanto, o maior escritor no campo do ensino especializado para esses deficientes. E não fez um HUET, francês de nascimento, para iniciar no Brasil o ensino aos surdos-mudos, fundando, sob os auspícios de D. Pedro II, no Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos (26-9-1857). Outros, como Lambert, Fournier, Gruel, Rota, não devem ser esquecidos, pois viveram para os surdos-mudos com verdadeira e entusiástica dedicação.

Embora o número de instituições especializadas existentes no século passado, tivesse se elevado consideravelmente, tornava-se insuficiente diante do crescente número daqueles que necessitavam de educação. As instituições não recebiam a necessária assistência pública e tinham de lutar contra a falta do recursos. Foi o surdo-mudo Berthier quem deu o brado de alerta, clamando pela necessidade de se entender a todas as classes a educação que estava tornando privilégio de poucos: "Surja logo o dia em que a educação dos surdos-mudos não seja mais privilégio de poucos, que o benefício se estenda a todos, de qua'quer classe ou religião que pertençam", disse Berthier.

Pendola, também, amargurava-se quando via infelizes surdos-mudos sem instrução, a esmolar no meio de doutos, vítimas de vexames e injustiças. E na sua amargura, condenava a sociedade como a única responsável, pela deplorável situação dos deficientes da audição e da fala. E dizia: "O surdo-mudo não é o responsável pela sua condição de desajustado, a culpa é única e ex-

clusiva da sociedade que não sabe educar o coração e a virtude!"

Outros, porém, imploravam a sociedade para que esta estendesse a sua mão com o propósito sério de atender essas infelizes vítimas do destino.

Aos poucos, a sociedade ia compreendendo a necessidade do seu auxílio. O coração humano não podia ficar mais relegado à cruza de outrora. O surdo-mudo não podia mais ficar abandonado a si mesmo. Era preciso levar-lhe o conhecimento da palavra, dar-lhe uma noção das coisas e a certeza da existência de DEUS. Era necessário e imperioso, livrá-lo do hebetismo que o envolvia e prepará-lo para receber a luz da sabedoria; ensiná-lo a distinguir o bem do mal, torná-lo dócil e generoso e, além de tudo, dar-lhe uma concepção de vida, de amor e de bondade. O sentimento de fé, escasso no seu coração, tornava-se um imperativo para que pudesse compreender os sentimentos da honestidade e da gratidão.

Privado de uma educação, o surdo-mudo não poderia conceber os sublimes sentimentos da alma. Na sua condição de desajustado não amaria e não se afeioaria com facilidade ao seu semelhante, por lhe faltarem os impulsos das impressões afetuosas. Sem educação, estaria privado do raciocínio e da razão. Não poderia ter uma noção exata do abstrato. As suas tendências primárias e egocêntricas se limitariam à vida do presente para o presente e não teria, por conseguinte, noção de tempo e espaço.

Helena Keller, famosa surda-muda e cega afirmou que nada sabia da sua própria existência antes de receber a sua leal educadora. Vivia num mundo que não era o seu. Ignorava o conhecimento das coisas e ignorava a própria vida. A sua vida interior, era uma vida sem

passado, sem futuro, sem alegria, sem tristeza, sem fé, sem esperança e nem mesmo tinha noção da vida presente.

Também Massieu, surdo-mudo educado por Sicard, afirmou que na sua infância, antes de receber os primeiros ensinamentos que o levaria à educação total, não tinha nenhuma compreensão do que era a vida. Ignorava a existência de Deus e não tinha idéia da imortalidade da alma e, por conseguinte, não podia temer a morte.

Não educar a criança surda-muda é faltar com o nosso dever de cristão e civilizado. É confirmar o erro filosófico dos grandes sábios que consideravam o surdo-mudo para sempre privado da razão. É aceitar as leis antigas, cruéis, injustas e as concepções antiquadas, quando vivemos numa era de mútuas compreensões e múltiplos recursos. É manter a existência de um óbice social, quando se conhece os mais perfeitos métodos e completos recursos para uma educação total

O surdo-mudo educado é um elemento útil à sociedade como o são todos os seres fisicamente normais. Tem o seu lugar assegurado na coletividade dos que ouvem e falam, sabe entender e respeitar as leis, fazer e desfazer negócios. Pode ter a sua família legalmente constituída e saberá compreender os seus deveres para com a sociedade.

Na condição de educado, o surdo-mudo pode ocupar com o seu semelhante, os mesmos ramos da ati-

vidade humana. No trabalho, desempenha a sua missão com abnegação, tornando-se exímio no ofício, quando, não menos, um artista.

Não nos é difícil encontrar espalhados em tôdas as coletividades de trabalho, elementos que não ouvem e não falam, que, graças a uma recuperação adequada, tornar-se-ão úteis à sociedade.

O que falta, porém, ao surdo-mudo, é a compreensão popular para a sua causa. Os empregadores, felizmente, desconhecem o valor do surdo-mudo e somente àqueles que já o conhecem, sabem avaliar, o artifice de que dispõe.

Muitos são os surdos-mudos que têm assombrado o mundo, desde os afazeres modestos de alfaiates, marceneiros, tipógrafos, etc., às elevadas categorias liberais como: professores, escultores, dentistas, advogados, jornalistas, engenheiros, Diretores de Indústrias, etc., etc.

Assim tivemos na Itália um Micheloni, membro do Ministério das Finanças; na Austria, um Hernhard Brill, consumado jornalista; na França, um Henri Gaillard, escritor e Paul Hentsch, engenheiro em Lausanne; na Alemanha, um Watsulik, grande publicista; no Brasil, um Antônio Pitanga, escultor consagrado e professor, etc., etc., e atualmente um Vicente de Paulo Penido Burnier, na cidade de Juiz de Fora, padre da Igreja Romana, um Escobar afora outros que pelo mundo se destacaram e outros que ainda se destacam.



Atualmente, existe um microfone que transforma a voz em côres e cujos objetivos são corrigir defeitos de dicção e ensinar os surdos a pronunciar as palavras.

OS VIII JOGOS SILENCIOSOS INTERNACIONAIS EM ROMA EM 1957

No Congresso Internacional de Desportos Silenciosos, realizado em Bruxelas em 1953, ficou resolvido que terá lugar em Roma, os VIII jogos Internacionais Silenciosos, cuja organização foi confiada ao Centro Nacional de Educação Física e Desportos de Surdos-Mudos, na Itália.

O programa dos jogos compreenderá os seguintes desportos:

- a) atletismo ligeiro;
- b) ginástica;
- c) atletismo pesado (luta

greco-romana e levantamento de pêsos);

- d) ciclismo;
- e) natação;
- f) tiro ao alvo;
- g) basquetebol;
- h) tênis;
- i) water polo;
- j) patinação;
- k) tênis de mesa.

Nêsses jogos, que têm sido realizados de quatro em quatro anos, a exemplo das Olimpíadas, poderão participar todos os atletas surdos-mudos, dos países participantes do C.I.S.S.



"RESPONDENDO AO LEITOR"

A *REVISTA DE ENSINO AO SURDO*, manterá a secção "RESPONDENDO AO LEITOR", destinada ao esclarecimento dos interessados que solicitarem a sua colaboração no estudo e solução dos problemas da educação da criança surda.

Visando examinar o assunto, sob o aspecto psico-médico-pedagógico, confiamos "RESPONDENDO AO LEITOR", ao audiólogista Dr. Armando Lacerda e ao professor Jorge Mário Barreto.

Fica assim, a referida secção, ao dispôr dos interessados.

☆ DIVERSOS ☆

SOCIAIS

Realizou-se a 27 de setembro p.f., na Matriz de São Cristóvão a 1.^a Comunhão da graciosa menina **Sandra**, aluna do prof. J. M. Barreto.



O feliz acontecimento foi comemorado pelos genitores de Sandra, Sr. Serafim Ferreira da Silva e Sra. Marina Sampaio da Silva, com uma festinha em sua residência.

— Transcorreu no dia 26 de setembro último, o 97.^o aniversário do Instituto Nacional de Surdos Mudos, data que foi solenemente comemorada, tendo sido inaugurado o 1.^o Salão de Artes Plásticas do I. N. S. M., com a apresentação de trabalhos executados pelos alunos desse estabelecimento.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Caceta del Sordomudo — n. 29 — órgão dos surdos mudos da Espanha — gentilmente remetido pela Sra. D. Maria Nogueira, Diretora da Escola Municipal de Surdos Mudos.

Prospecto do **Instituto de Jacob Rodrigues Pereira** — com detalhes e fotografias sobre a reorganização do ensino, inauguração de novas instalações escolares e criação de um curso de preparação de novos professores e da Associação Portuguesa para o Progresso do Ensino de Surdos Mudos. — (Portugal)

Revue Générale de l'Enseignement des Sourds-Muets — n. 3 de 1954 — França destacando-se o artigo sobre resultados observados durante “dois anos escolares de demutização”, na Instituição Chambéry, artigo esse de sumo interesse para os educadores de surdos mudos.

Triumph Over Deafness — The Medical Aspect of Deafness in Children — If your Child is Deaf — remetidos pela The Deaf Children's Society — Londres.



COLEGA! A “REVISTA DE ENSINO AO SURDO” PRECISA AUMENTAR O NÚMERO DE ASSINANTES.

OS PROFESSORES ESPECIALIZADOS DO INSTITUTO NACIONAL DE SURDOS-MUDOS E O PLANO DE RECLASSIFICAÇÃO DE CARGOS DO SERVIÇO PÚBLICO CIVIL

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE SURDOS, órgão de âmbito nacional, pronunciou-se junto à Comissão do Plano de Reclassificação de Cargos, definindo a natureza dos trabalhos inerentes aos professores do Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

Certas peculiaridades específicas foram evidenciadas demonstrando tratar-se de uma especialização que exige alto padrão de cultura especializada.

Definiu-se o ensino do surdo como **EMENDATIVO-CRIADOR**, ressaltando-se que o seu problema básico não é propriamente a surdez, mas, sim, a linguagem verbal. Além dos conhecimentos de pedagogia, didática, metodologia geral, ao professor dos surdos é imposto o domínio de técnicas específicas.

As características diferenciais do ensino ao surdo medem-se pelas enormes dificuldades psico-fisiológicas que separam o surdo do nato ouvinte.

Esse obstáculo formidável impede que a criança deficiente adquira a linguagem verbal, precioso instrumento de comunicação interação social, dádiva divina, privilégio único no gênero humano, base do raciocínio abstrato e lógico, inatingível na linguagem inferior dos animais.

Salienhou-se o fato de o ensino fundamental dos surdos compreender cursos de nível primário e secundário. O Regulamento do Instituto Nacional de Surdos Mudos, diz textualmente: "ministrar ao aluno o ensino fundamental".

Esse estabelecimento oficial órgão padrão, responsável pela orientação desse ensino emendativo em todo o país, conta, presentemente, com um Curso de Formação de Professores e Curso Comercial em projeto.

Acolhe, ainda, o Instituto moças e rapazes que ensurdeceram fazendo o curso secundário. Ensurdidos ao meio dos estudos a fala de tais jovens tende a desintegrar-se ao ponto de se tornar ininteligível. Nessa contingência são formadas classes com assistência pedagógica especial para a conservação e recuperação da fala de tais jovens e conseqüente prosseguimento dos cursos interrompidos.

Outro aspecto relevante dos que teem a missão de educar a audição daqueles cujos ouvidos enfraqueceram é a educação dos melos-surdos, aproveitando seus resíduos auditivos, ainda que diminutos e criando neles a linguagem verbal ouvida, falada e escrita.

Tem, aí em síntese, os professores o seu complexo campo de trabalho, completar personalidade, ensinar a falar e a ler nos lábios, encargo incomparavelmente mais difícil do que o ensino de uma língua estrangeira aos que, pela porta aberta do ouvido já aprenderam a língua materna.

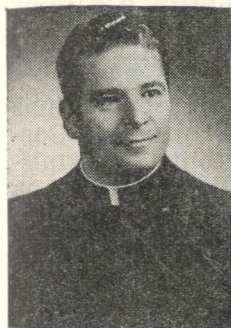
Se é verdade que a educação fixa um objetivo comum e geral para todos, surdos e ouvintes, é preciso atentar para o fato de que, enquanto, estes atingem a meta em campo plano e desimpedido aqueles teem que fazê-lo por um caminho cheio de obstáculos. Trata-se, pois, de ensino espinhoso, difícil e exaustivo, obra de elevado alcance social e humanitário, exigindo profunda dedicação dos professores.

Foram estas, em síntese, as considerações formuladas pela Associação Brasileira de Surdos, junto à Comissão de Reclassificação de Cargos do Serviço Público Civil, evidenciando a necessidade de se estabelecerem para os professores de ensino ao surdo, níveis de vencimentos mais justos e compatíveis com os múltiplos encargos e sacrifícios deles exigidos.

PÁGINA DO SURDO

ESTA PÁGINA DESTINA-SE À PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS DE ALUNOS RECUPERADOS E EM RECUPERAÇÃO

REMINISCÊNCIAS



Nasci surdo aos 2 de março de 1921, em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais. Sou o oitavo entre os nove irmãos. Na família somos cinco irmãos surdos e quatro ouvintes. Comecei a aprender a falar com o Professor Saul Borges Carneiro, quando tinha quatro anos de idade. Isso foi no Rio de Janeiro. Tive outros professores para outras matérias do curso primário e, também, para repetir lições fundamentais fornecidas pelo professor Saul. Estudei durante nove anos. Frequentei as aulas do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos somente durante um mês. Continuei os meus estudos em casa até aos quatorze anos de idade. Nessa época, em 1935, tive vontade de entrar para algum Seminário a fim de ordenar-me sacerdote. Tive vontade de ser padre com intenção de dar maiores glórias a Deus e salvar almas, seguindo as vocações dos meus dois irmãos mais velhos. Estudei durante sete anos, juntamente com outros seminaristas, no Seminário Menor de Juiz de Fora. Tive muitas dificuldades. Mas, Deus, Nosso Senhor, me ajudou muito. Quando estava no terceiro ano de Seminário, não tive mais dúvidas a respeito da possibilidade de ordenar-me, porque ficamos sabendo que um surdo ordenara-se sacerdote na França, em 1922. Chamava-se Padre João Maria La Fonta, sacerdote da Congregação dos Padres Assuncionistas. Em 1941 terminei o curso do Seminário Menor. Passei ao curso do Seminário Maior, da cidade de

Mariana, do Estado de Minas Gerais, onde estudei dois anos Filosofia e quatro anos Teologia. Terminei tudo em 1947. Visto que era surdo, não podia ser ordenado sacerdote sem permissão especial concedida pela Santa Sé. Então meu bondoso Sr. Bispo, D. Justino José de Sant'Ana, enviou à Roma petição de dispensa dêsse impedimento, dirigida ao Santo Padre Pio XII.

Quando estávamos esperando a resposta da Santa Sé, aproveitei o tempo para trabalhar na Secretaria do Bispado e na Tesouraria da Igreja Catedral. Em 1950, por ocasião das solenidades do Ano Santo, o Sr. Bispo Diocesano resolveu levar-me à Roma a fim de solucionar melhor o meu caso. Permanecendo em Roma até abril de 1951, tive a grande felicidade de receber a suspirada dispensa para ordenar-me sacerdote no dia 2 de fevereiro, dia da solene profissão religiosa do meu irmão, padre jesuíta.

Estive pessoalmente com o Santo Padre por duas vezes. Na primeira vez, em companhia do Sr. Bispo, no Castelo Gandolfo, falei com o Santo Padre para solicitar permissão a fim de ordenar-me. Na segunda vez, fui visitar o Papa Pio XII, em companhia do meu irmão, sacerdote jesuíta, numa das salas do Palácio do Vaticano, a fim de agradecer ao Santo Padre pela permissão a mim concedida e que beneficiava todos os surdos do mundo inteiro.

Então, voltei ao Brasil, depois de conhecer a Itália, França, Espanha e Portugal. Por êsses países, tive contatos com os surdos e com as associações e escolas especialmente constituídas em prol dos surdos.

Ordenei-me sacerdote aos 22 de setembro de 1951. Comecei logo a trabalhar para o Seminário, Igreja Catedral e Secretaria do Bispado.

Em julho de 1953, recebi convite da Associação Católica dos surdos de Detroit, Estado de Michigan, para a IV Convenção Internacional das Associações Católicas dos Surdos. Permaneci nas maravilhosas terras dos Estados Unidos, durante seis meses. Voltei inteiramente encantado pelo maravilhoso progresso da pedagogia de surdos.

Atualmente trabalho somente na Procuradoria do Seminário Menor de Juiz de Fora, onde comecei os meus estudos para a vida sacerdotal.

Padre Vicente de Paulo Penido Burnier

Estatutos da Associação Brasileira de Professôres de Surdos

— (Continuação) —

Art. 24 — À Assembléa Geral compete:

— eleger os membros da Diretoria;

— discutir e decidir quanto ao relatório da Diretoria;

— resolver quanto aos casos omissos nestes estatutos;

— discutir e decidir em todos os assuntos de interesse da Associação;

— eleger uma comissão executiva para a realização de qualquer congresso, nacional ou internacional, que a Assembléa resolver reunir;

— eleger 3 membros para o Conselho Fiscal.

DO CONSELHO FISCAL

Art. 25 — O Conselho Fiscal é composto de 3 membros, sócios efetivos-integrais eleitos anualmente pela Assembléa.

§ único — Os membros do Conselho Fiscal exercerão seus cargos honorificamente e poderão ser reeleitos.

Art. 26 — Compete ao Conselho Fiscal:

— examinar as contas da Diretoria;

— opinar sobre elas;

— relatar sobre elas e esclarecê-las à Assembléa.

DA DIRETORIA

Art. 27 — A Diretoria será composta de:

— um presidente;

— secretário;

— um secretário suplente;

— um tesoureiro;

— um diretor de biblioteca e pu-

— blicações,

— um diretor de cursos e conferências;

— um diretor dos interesses do magistério.

Art. 28 — Esses 7 (sete) diretores serão eleitos, dentre os sócios efetivos-integrais, pela Assembléa Geral, para um período de 3 anos; poderão ser reeleitos e exercerão seus cargos honorificamente.

Art. 29 — A Diretoria nomeará um secretário com funções remuneradas para assistí-las em suas obrigações.

Art. 30 — A Diretoria poderá deliberar e decidir com a presença de 3 diretores e tomará suas resoluções por maioria absoluta. Em caso de empate, decidirá o presidente. Somente poderão votar os diretores presentes à reunião.

§ único: — O mínimo de 3 será composto do presidente, do secretário (ou seu suplente) e do tesoureiro.

Art. 31 — O presidente da Diretoria será o presidente da Associação e compete-lhe:

— representar a Associação em Juízo ou fóra d'ele, podendo constituir mandatários;

— convocar as reuniões da Diretoria e da Assembléa Geral;

— presidir essas reuniões, determinando-lhes os trabalhos e a ordem do dia;

— assinar, com o tesoureiro e com o secretário, as transações que, de competência da Diretoria, obriguem a Associação;

— organizar e regulamentar o processo das eleições;

— promover e fomentar a realização dos fins da Associação;

— trazer os sócios informados das atuações da Diretoria;

— considerar as iniciativas dos sócios;

— incentivar sua colaboração.

Art. 32 — Ao Diretor secretário compete:

— lavrar, ler e assinar as atas das reuniões e assembléias;

— ter a seu cargo tôda a correspondência da Associação;

— providenciar quanto às convocações;

— substituir o presidente em seus impedimentos;

— fazer e redigir os relatórios anuais.

Art. 33 — Ao Diretor secretário suplente compete auxiliar e substituir o diretor secretário.

Art. 34 — Ao Diretor tesoureiro cabe:

— executar e fiscalizar a arrecadação da Receita, que depositará em estabelecimento bancário, e efetuar o pagamento das Despesas;

— movimentar tôdas as contas da Associação e efetuar todos os desembolsos em dinheiro, valores e seus respectivos juros ou rendas, dando quitações;

— assinar cheques com o presidente, para retiradas em bancos.

§ único: — Poderá ter em Caixa até Cr\$ 3.000,00.

Art. 35 — Ao Diretor de Biblioteca e Publicações compete:

— organizar e administrar a biblioteca;

— dirigir a publicação da Revista da Associação e de outras publicações.

Art. 36 — Ao Diretor de Cursos e Conferências compete:

— organizar, de acôrdo com o presidente, os cursos e conferências da Associação.

Art. 37 — Ao Diretor dos interesses do magistério compete:

— incentivar por todos os meios ao seu alcance, com a Diretoria, a

melhor remuneração dos professores;

— empenhar-se na obtenção de bolsas aos sócios e de auxílios para que tomem parte em congressos ou em outras atividades em que pareça útil a participação da A.B.P.S.;

— procurar facilitar aos sócios serviços de advogado e de despachante para cuidarem da situação e requerimentos dos sócios quanto à sua situação administrativa.

§ Único: — Os contratos com o advogado e o despachante serão pessoais e a Associação não se responsabilizará por êles.

CAPÍTULO IV

DAS ELEIÇÕES

Art. 38 — As eleições serão efetuadas por escrutínio secreto.

Art. 39 — Para regularidade das eleições, o presidente designará uma comissão de 2 membros que assistirão os sócios durante as votações, sendo que um dêles será um diretor da Associação.

Êles constituem a mesa eleitoral.

Art. 40 — A mesa eleitoral funcionará por algumas horas antes do meio-dia e por algumas horas depois do meio-dia de acôrdo com o horário estabelecido na convocação do presidente.

Art. 41 — As chapas de candidatos, homologadas pela Diretoria, serão exibidas aos votantes, a quem será exibida uma lista de todos os sócios efetivos integrais.

Art. 42 — Elegíveis serão apenas os sócios efetivos-integrais.

Art. 43 — Eleitores serão apenas os sócios efetivos-integrais quites.

Art. 44 — Encerrada a eleição, um dos mesários lavrará a respectiva ata com os resultados apurados.

§ 1.º — A ata será lavrada em 3 exemplares: um original e 2 cópias.

§ 2.º — Todos os exemplares serão assinados pelos mesários e também pelos fiscais que os quiserem assinar.

§ 3.º — O original será entregue ao presidente da Associação, ou seu substituto, com a máxima possível urgência.

§ 4.º — As duas cópias ficarão em poder dos mesários até a publicação dos resultados.

CAPÍTULO V

DA REVISÃO E DISSOLUÇÃO

Art. 45 — Estes estatutos podem ser reformados após 2 anos de sua aprovação e pelos seguintes processos:

- a) — por proposta da Diretoria;
- b) — por proposta de associados, representando 1/10 dos sócios efetivos-integrais quites.

Art. 46 — Uma ou outra proposta será fundamentada e, antes de convocar a reunião da Assembléia Geral, a Diretoria nomeará uma co-

missão de 3 membros para dar parecer.

§ 1 — Em nenhum caso será aceita e discutida proposta de reforma que vise alterar os fins sociais na sua essência de intercâmbio cultural, de solidariedade e de cooperação.

§ 2 — A revisão será decidida em Assembléia Geral especialmente convocada e por maioria de 2/3 dos presentes. A reunião da 1.ª convocação deverão comparecer mais de 4/5 de sócios efetivos-integrais.

§ 3 — A 2.ª convocação dará um intervalo de pelo menos 10 dias a partir da primeira, e se eefuará com qualquer número.

Art. 47 — Esta Associação poderá ser dissolvida por uma Assembléia Geral especial, composta de pelo menos 4/5 de sócios efetivos-integrais quites, por maioria de 2/3 dos presentes à reunião.

§ Único: — Dissolvida a Associação e liquidado o seu passivo, se houver saldo, terá êle o destino que a Assembléia soberanamente resolver dar-lhe.

Assistência Pedagógica aos Deficientes da Audição

Avenida Rio Branco, 133 — 13.º andar — Telefone 22-6662

DISTRITO FEDERAL

Testes auditivos, de nível de inteligência, de maturidade e de escolaridade — Seleção e homogeneização de classes — Ensino da linguagem falada e da leitura labial — Ensino auditivo-visual — Conservação da fala nos ensurdecidos — Assistência especial aos que cursam escolas de ouvintes — Assistência especial para fins de aperfeiçoamento e aplicação — Orientação aos pais — Ensino da leitura labial para adultos — Treinamento auditivo para adaptação ao uso de aparelho de prótese auditiva.

CURSO FUNDAMENTAL — CURSO DE ADMISSÃO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

Professôres : J. MÁRIO BARRETO — M. LOURDES BARRETO

SUMÁRIO

	Págs.
— Através dos princípios da linguagem humana ...	1
— Os mestres clássicos do ensino dos surdos-mudos	
— Cândido Jucá	5
— A ciência combate a surdez	11
— A educação dos surdos-mudos	13
— Diversos	17
— O magistério especializado e o plano de reclassificação do Serviço Público Civil	18
— Página do surdo	19
— Estatutos da Associação Brasileira de Professôres de Surdos	21

APARÉLHOS
PARA

SURDEI

TELEX

Apresentamos à distinta Classe Médica o aperfeiçoadíssimo aparelho "SUPER-TELEX" modelo 952 de amplificação máxima com 5 válvulas especialmente indicado para casos de hipoacusia profunda, e o modelo 953 leve e de tamanho reduzido para casos de hipoacusia média e pequena.

MODELAGEM INDIVIDUAL — OFICINAS PRÓPRIAS DE
CONSERTOS E PRÓTESE AURICULAR — AUDIOMETRIA.

CENTRO AUDITIVO TELEX S. A.

- Rio de Janeiro — Av. Rio Branco, 138 - 13.º and. - Tel. 22-6662
São Paulo — Rua 24 de Maio, 250 - 12.º and. - Tel. 36-1655
Curitiba — Rua Barão do Rio Branco, 41 - 6.º andar
Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 740 - 1.º andar
Pôrto Alegre — Rua dos Andradas, 1409 - 5.º andar
Recife — Rua das Palmas, 295 - 5.º andar

SE...

VOCÊ É MÉDICO-OTO-RINO

VOCÊ É PROFESSOR DE SURDOS

VOCÊ É UM ESTUDIOSO DOS DISTÚRBIOS
DA LINGUAGEM E DA PALAVRA
PROVENIENTES DA SURDEZ

VOCÊ É PROFESSOR DE PSICOLOGIA, FILO-
SOFIA OU METODOLOGIA DA LIN-
GUAGEM HUMANA

ENTÃO

VOCÊ SERÁ NOSSO ASSOCIADO